

Psicólogo informação
ano 20, n. 20 – Edição Especial – jan./dez. 2016

Copyright © 2016 Instituto Metodista de
Ensino Superior CNPJ 44.351.146/0001-57

Escrevendo no diário ou, ensinando, aprend

Writing in the diary

MARIA HELENA BERKERS*

Resumo

No texto a autora traz recortes de sua trajetória como psicóloga-professora que ingressa na instituição para lecionar psicologia e permanece nela por 30 anos. Narra suas primeiras experiências como uma jovem psicóloga que chega a São Paulo, ingressa num trabalho novo, numa cidade ainda desconhecida, numa comunidade educacional ainda desconhecida e dedica-se ao ensino de psicologia concomitantemente à adaptação de vida que faz. Descreve seus compassos e descompassos e expressa seu prazer em ensinar e aprender como duas ações concomitantes.

Palavras-chave: Psicologia, História da Psicologia, ensino de psicologia, universidade Metodista

Abstract

In the text the author brings clippings of her trajectory as a psychologist-teacher who joins the institution to teach psychology and remains in it for 30 years. She narrates her first experiences as a young psychologist just arrived in São Paulo, enters a new job, in an unknown city, on an unknown educational community and dedicates herself to teaching psychology concomitantly to her life adaptation. It

* Psicóloga, professora de Psicologia da Personalidade, de Teorias e Técnicas Psicoterápicas e Supervisora de estágios em psicologia clínica - no Curso de Psicologia da Universidade Metodista de São Paulo. Dedicou-se à profissão e ao ensino de psicologia por mais de 30 anos.

describes his compasses and mismatches, and expresses his pleasure in teaching and learning as two concomitant actions.

Keywords: Psychology, History of Psychology, Psychology Teaching, Methodist University

O curso de Psicologia da Universidade Metodista fará 45 anos!

Mesmo antes dos Parabéns, e de falar do meu orgulho por ter participado ativamente como professora em 30 desses 45 anos, deixem-me dizer da emoção que é lembrar-me de “anos dourados”. Comungo do sentimento do professor de neurologia Dr. Luis Carlos Gagliardi Ferreira que, ao ser convidado para escrever algo sobre esse tempo, mandou um recado: - Sinto muitíssimo não atender à solicitação porque estou resistente em “racionalizar” aquele período muito feliz, tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional, que participei na Metodista. O bem estar que me envolve com a lembrança daqueles anos não tem forma nem tamanho e nem por que. Gostaria de mantê-lo assim sem precisar aprisioná-lo em conclusões intelectualizadas para serem compreendidas...

Da minha parte, há uma expectativa de fazer o meu melhor, e ao mesmo tempo, já aprendi que o melhor é uma utopia, e sempre vamos viver o “está faltando alguma coisa”, e uma conseqüente insatisfação.... Pensei em fazer um fragmento de diário de como foram os meus 30 anos de professora na Metodista..., mas será que devo? Essa é uma revista que tem primordialmente cunho acadêmico, (participei do seu nascimento) e um diário por mais informativo que seja, como um diário de bordo, por exemplo, em que vamos encontrar os fatos acontecidos, os dados técnicos do voo ou da navegação há sempre um toque de subjetividade, pois terá a seleção de quem o está fazendo; nenhuma leitura é inocente já nos diz uma visão estruturalista. Há também as “falhas de escrita” que podem ser muito reveladoras de história pessoal... Mesmo assim, *escolhi* (escolha, para mim “determinadíssima” pela minha afetividade) e sabendo, teoricamente que o meu inconsciente “vai deitar e rolar” em todos os caminhos do desejo; vou me arriscar entre o fragmento de diário e o que fui aprendendo, ao ensinar. Aqui já cabe uma frase que é atribuída a Plutarco, ou a Petrarca, ou a Fernando Pessoa, e por fim, como cantei muitas vezes na ju-

ventude, repetindo Chico Buarque na canção “os argonautas:”
“Navegar é preciso, viver não é preciso”

Então, aqui, já estava o ponto inicial de minhas pretensões: ser precisa, rígida mesmo, com relação a fazer tudo muito certo, ortodoxo, digamos assim, e, fui descobrindo a significação da segunda parte para mim; o viver não é preciso.... Algumas variáveis se podem controlar, mas tantas outras são incontroláveis! A preocupação com a precisão, se não foi suficiente para me paralisar, no mínimo, não foi confortável descobrir que até certo ponto, era a medida de precisão na qual nosso conhecimento sempre esbarraria e aproveitando a onda de restauração e recuperação de histórias pessoais, vou “deitar no divã”, e pensar a minha história na Metodista, e o que aprendi, ensinando.

Para me sentir mais à vontade nesse cenário de ensinar, vou ensaiar o uso do método da Associação Livre - grande contribuição de Freud, que ele apresenta no livro ‘A Interpretação dos Sonhos’, no fim do século XIX, começo do XX. Aqui já encontro uma *descoberta* a meu respeito, sentida na vivência do querer ensinar com profundidade, ir às raízes, ou mergulhar ao fundo do mar, e, quantas vezes, ao dar uma aula, eu me perdia em “caminhos vicinais,” que me deslumbravam, mas, pela exigüidade do tempo, ou mesmo diante da pressa do aluno, “de ter os instrumentos de trabalho” como psicólogos, imediatamente, surgia então em alguns, a impaciência do *como fazer*: “foco, professora, foco!” Pareciam querer me dizer e, se não o faziam era por medo de que a nordestina que sou “puxasse a peixeira”, ou “rodasse a baiana” como certa feita escutei de um desavisado. Geograficamente (aqui vale um adendo: pernambucano não *roda a baiana!*). Será que foi um dos muitos tipos de atos falhos os quais Freud faz referência no livro ‘Psicopatologia da Vida Cotidiana’? Se fora, nunca vou saber... Talvez, quem o disse, também não! Porque essa pode ser uma das muitas maneiras saudáveis que o inconsciente encontra para liberar conteúdos recalçados. Dependendo da intensidade com que aparece é um santo remédio. Mas qual a intensidade em que deve aparecer?

Chegamos mais uma vez, ao aforismo acima, “navegar é preciso, viver não é preciso”, mais uma interpretação, supondo que esse preciso é um adjetivo, então o significado é “feito ou determinado

com absoluto rigor e perfeição; peso ou medidas exatas, certas, definidas". Tenho aí uma aprendizagem, que foi vivida com certa dor, para o meu jeito jovem de ser, pois, queria fazer no sentido mais restrito, como algo preciso, exato, medido, pesado e hoje vejo essa precisão como um mito em termos comportamentais de forma mais ampla. De novo vem a "medida" do até certo ponto" ...Talvez, os atos reflexos muito primários tenham esta pretensa exatidão ou usando os testes do tipo fatores de personalidade. Eles dão escores que genericamente quantificam, se aproxima de suas características, mas as respostas podem ter muitos variados significados, mesmo que tenhamos duas pessoas com pontuações exatamente iguais num teste de fatores de personalidade pois a forma como vão interagir esses fatores, e com a intervenção das variáveis não controladas, o que vamos ter são diferenças individuais de formas de ser ...singularidade na pluralidade do existir...

Então, precisão um mito, também a origem, seria um mito? Quando começaram os estudos da Psicologia? Há uma data sim, que se diz ter começado com o primeiro laboratório em Leipzig -Alemanha em 1879 com Wundt. Mas isso é preciso, no sentido de que antes não se fazia nada em termos de estudos ligados ao comportamento? Não! Toda uma evolução houve para se chegar aos nossos tempos. E para se saber o significado de um determinado comportamento só existe uma explicação, só existe um significado? Também não! Vamos encontrar muitas teorias que tentam explicar o mesmo comportamento de formas as mais diversas, ou que até se complementam ou se contrapõem. Estão aí os inúmeros livros de Teorias de Personalidade que explicam com várias visões a dinâmica, a estrutura e o desenvolvimento da personalidade. Claro que aqui vinha, por parte do aluno, a angústia de querer saber: - qual é a teoria certa, e também, qual é a teoria que eu, na minha atuação profissional usava, ou mesmo achava ser aquela melhor para ele seguir? E aí havia uma grande dificuldade para mim, como professora de teorias da personalidade. Como "sabia" que deveria ser neutra para que o aluno tivesse a sua escolha, muitas vezes, precisei fazer muitas leituras, para ver se conseguia "aceitar" a teoria, ou pelo menos levar a sério a frase de Spinoza, que Gordon Allport pôs na folha de rosto de seu livro 'Personalidade, Padrões e Desenvolvi-

mento' e que diz: *"Fiz um esforço incessante pra não ridicularizar, não lamentar, não desprezar as ações humanas, mas compreendê-las"*. Mesmo assim, muitas vezes o aluno "me dizia" em seus comentários, que "nossos inconscientes estavam em sintonia"; isto porque esse aluno me dizia "inocentemente e com muita certeza" que o autor que eu acabara de explicar era pouco interessante; mas, ele me dizia muito mais de minha não aceitação daquele autor! E se passei a aceitar o autor? Não! Mas, lembrava sempre aos alunos que as teorias a gente precisava ser informado delas; e com o caminhar do curso, as "escolhas" iam acontecendo... Grande e eterna dúvida: - eu escolho a teoria ou ela me escolhe, ou mesmo, vou e faço uma salada? E assim aprendi que eu "me deixava escapar" por uma linguagem "não dita", e que quanto mais tentava ficar atenta aos lapsos de linguagem, mais outros atos falhos "mandavam ver "E a minha sonhada busca da precisão ia sendo escanteada.... Mas, pelo menos, permanecia a seriedade e a preocupação com o lado ético da profissão, e neste ponto presto a minha homenagem ao professor Johannes Berkers, que no seu jeito muito peculiar de ser "pernambuquês", foi um marco na história do curso, e na minha vida, pois, somos um casal que, há 42 anos, enfrenta com o prazer que é possível, as vicissitudes da vida...

Mas retomo à minha chegada a São Paulo.

Cheguei à cidade de São Paulo movida pelo coração; em 1973, ainda solteira, "encantada" por um primeiro e grande amor e comecei no então Instituto Metodista como professora substituta de Psicologia Geral. De bagagem trazia uma contestação natural, como se regressivamente ainda vivesse o porquê da etapa infantil, da fase de oposição, mas contraditoriamente, muito preocupada em seguir o estabelecido, desde que ele tivesse um compromisso em ser coerente, em fazer um trabalho ético, *etc* e tal. Confesso que São Paulo, num primeiro momento, não foi uma escolha.... Foi uma circunstância determinada por um pai muito conservador, que não queria que eu ficasse na mesma cidade em que estava Johannes (na época namorado) - no Rio de Janeiro (a cidade dos meus sonhos), pois Johannes fazia mestrado em Psicologia Organizacional na FGV. Conheci e vivi meses de adaptação em que fui obrigada a me defender de preconceitos velados, do tipo: "mas você não parece

nordestina”, como se isso contasse pontos a meu favor... ou “se você não falar, a gente nem desconfia que você seja nordestina! “E aí vinha a culpa por estar traindo o meu povo...Era uma preocupação não perder a minha identidade...

Lembro que no início do meu trabalho, sempre começava o ano dizendo às novas turmas, da minha *nordestinidade* e do que fazia sempre nas férias: atualização de sotaque! Como se ela estivesse neste sotaque..., mas ela também está; está na minha fala! Daí a fala vinha na forma de chistes, de ironias! A linguagem que me estruturou, por exemplo, me fazia dizer ‘atacar’ ao invés de ‘abotoar’ (porque nós usamos indiferentemente, atacar ou abotoar uma blusa). E certa feita, depois de eu ter falado (me referindo a um exemplo que eu dera e que dizia que o “garoto atacou a blusa”!) um aluno, automaticamente perguntou: -“por que ele atacou?” Eu disse que era esperado, era adequado que ele já tivesse esse comportamento. O aluno, não satisfeito, perguntou se era normal essa agressividade... e eu, já um tantinho irritada, disse -“ não me consta que desatacar seja anormal”... O corajoso aluno insiste: não é desacatar! Aí percebi: ele não conhecia a palavra desatacar, que para o pernambucano de antigamente era tão usado abotoar como atacar.... Então aconteciam, muitas vezes, essas “falhas verbais”!

Aos poucos fui me sentindo em casa em São Paulo, e a Metodista foi o meu lugar de acolhimento, de “prazer e realidade”! O meu vínculo com a Metô foi estruturante da mulher que sou. Meus amigos, grandes e verdadeiros amigos são esteio para meu momento atual, em que tendo voltado para minha Recife, por circunstâncias familiares, uso da fantasia, do sonho; e não permito que a realidade dos quase três mil quilômetros, que existe entre nós, abafe o primário de meu princípio, que determina a minha crença de que este passado do curso, é raiz de quarenta e cinco anos que vem dando a estrutura que promete pelo que aí está plantado, um presente dinâmico e funcional e um desenvolvimento constante sempre com o compromisso de formar profissionais comprometidos com a vocação do psicólogo que trabalha pelo bem-estar psicológico do sujeito que vive em sociedade.

Consegui fazer um trabalho que me deu muito prazer, porque tive oportunidade de fazer o que gostava. Era muito inibida, mas

com os alunos, com os colegas, me senti muito à vontade.

Tenho um núcleo de verdadeiros amigos aí. Tive alunos que não posso esquecer e que, além de aprender muito com eles, tenho muito orgulho de tê-los como amigos!

Contato do autor:

lenaberkers@gmail.com

Recebido em: 20/01/2016

Aceito em: 20/03/2016